



A INFIDELIDADE COMO RUPTURA DO EU; OU O DILEMA DO PORCO-ESPINHO E A NOÇÃO DE CULPA NO CONTEXTO DO ROMANCE *AS AFINIDADES ELETIVAS*

Palavras-chave: DILEMA DO PORCO-ESPINHO; CULPA; INFIDELIDADE; FREUD; SCHOPENHAUER; GOETHE

Autores(as):

LETÍCIA LOPES FERREIRA, IEL – UNICAMP

Prof. Dr. MÁRCIO SELIGMANN-SILVA (orientador), IEL – UNICAMP

INTRODUÇÃO:

Em um ambiente bucólico, o nobre casal Charlotte e Eduard despende seus dias aparentemente de modo sereno e agradável; contudo, pode-se inferir que esse cenário idílico carrega, subliminarmente, uma essência de marasmo e insegurança conjugal que se apresentam desde o início do romance. Esses dois elementos vêm à luz efetivamente – seja como crítica ou como parte factual da narrativa – quando a visita de dois indivíduos (capitão Otto e Otilie) desperta interesses eróticos-afetivos do casal respectivamente, perturbando a ilusória paz espiritual e matrimonial que os cônjuges pareciam contemplar.

Há de se comentar que a inspiração para tal história encontra-se na vida do escritor alemão Johann Wolfgang von Goethe, o qual experienciou, em primeira mão, uma atração extraconjugal com a jovem Minna Herzlieb que, de certo modo, a consumou, a saber (GOETHE, 2018, pp. 9-11), por meio de sonetos e do drama Pandora. Dessa maneira, Goethe, reflexivo, decidiu expandir o tema da infidelidade e da lealdade (ou até que ponto ela pode estender-se) matrimonial no romance *As afinidades eletivas*, publicando-o, posteriormente no mesmo ano, em outubro de 1809. Similarmente, o filósofo alemão Walter Benjamin dedica o seu “As afinidades eletivas, de Goethe” à Julia Cohn, a qual passou um período como hóspede na casa do pensador e de sua mulher Dora (BENJAMIN, 2018, p. 11); da mesma maneira de Goethe, criaram-se laços afetivos entre Benjamin e Julia que ultrapassavam os limites da “fidelidade” conjugal – inspirando-o, não tão coincidentemente, a escrever seu ensaio “*As afinidades eletivas de Goethe*”.

Dentro dessas três situações supracitadas, o que é compartilhado é a questão da traição e a incapacidade de manter-se leal a uma pessoa (matrimonialmente, nesses casos) diante de um terceiro elemento incorporado ao casal. Brilhantemente, Goethe adiciona um quarto elemento à equação da infidelidade e cria *As afinidades eletivas*. Visto isso, pode-se argumentar que, não somente há uma certa infidelidade inerente ao ser humano, mas como o marasmo – a aparente serenidade apontada anteriormente – é um elemento decisivo para o ato de trair. Esta monotonia pode ser oriunda da profunda proximidade que as duas partes têm entre si, portanto, criando um solo infértil para “novidades”. É essa proximidade que o filósofo alemão Arthur Schopenhauer classificará como nociva para as relações interpessoais na sua perspicaz fábula posteriormente denominada ‘o dilema do porco-espinho’ (SCHOPENHAUER, 2000, vol. 2, pp. 651-652) porque ela machuca o Eu o qual precisa ser preservado de tal proximidade.

Na mesma linha argumentativa, o pensador austríaco Sigmund Freud postulará que nada é mais seguro que os sentimentos do Eu (FREUD, 2010, p. 9) os quais, se violados, acarretam em um extensivo estrago na máquina psíquica e seus respectivos processos; quando o Eu é ferido por outro Eu, a distância entre as partes é maior, visando a preservação individual. No entanto, as duas partes necessitam uma da outra, isto é, a proximidade há de ser mediada de modo que as partes situem-se suficientemente próximas para não estarem sozinhas todavia não estritamente atadas, como ilustra o dilema do porco-espinho de Schopenhauer:

Num dia gelado de inverno, os membros de uma sociedade de porcos-espinhos se aglomeraram bem juntinhos para, por meio do calor mútuo, se proteger do congelamento. Porém, logo sentiram os espinhos uns dos outros, e trataram de se distanciar. Quando a necessidade de aquecimento os aproximou outra vez, repetiu-se o segundo mal, de modo que foram jogados entre uma e outra miséria até encontrarem uma distância média em que pudessem suportar a situação da melhor maneira possível. (...) É assim a necessidade de companhia, nascida do vazio e da monotonia do próprio íntimo, impele os seres humanos a se procurar, mas suas muitas qualidades desagradáveis e defeitos intoleráveis os afastam novamente. A distância média que por fim encontraram, e que é capaz de possibilitar a convivência, consiste na cortesia e nas boas maneiras. (...) É verdade que devido a ela a necessidade de aquecimento mútuo é satisfeita apenas de maneira incompleta, mas, em comparação, não se sente a picada dos espinhos. (*apud* FREUD, 2020, p. 92).

Sigmund Freud, por conseguinte, reutilizará e reinterpretará o dilema do porco-espinho para ilustrar a indispensabilidade de um outro alguém, embora exista a necessidade de uma dosada solidão. E é neste limiar entre o isolamento e a proximidade que habitam os personagens de *As afinidades eletivas* e no qual subsistem os romances “proibidos” entre Eduard e Ottilie, e entre Charlotte e Capitão Otto – gerados por necessidade de inovação afetiva e atração. Ademais, visando analisar a noção freudiana de culpa dentro de *As afinidades eletivas*, é necessário pontuar que, para Freud, a culpa é a “expressão do conflito de ambivalência entre o Eros e o instinto de destruição ou de morte. *Esse conflito é atizado quando os seres humanos defrontam a tarefa de viver juntos; (...)*” (2020a, p. 79) [grifo meu]; isto é, a culpa surge, no caso do romance de Goethe, na tentativa de preservar os laços matrimoniais consagrados pelos sentimentos que Eduard e Charlotte nutrem, apesar de tudo, um pelo outro, e, ao mesmo tempo, destruindo tais laços por intermédio da traição – em um certo frenesi de *Todestrieb* especialmente no fim do livro (como visto no desfecho da história entre Ottilie e Eduard).

Por fim, é mister evidenciar que a presente análise tem como principal escopo a análise psicanalítica e, inevitavelmente, filosófica de uma exímia obra da literatura alemã, dessa forma, estudando seus pormenores sob a lente dos conceitos discutidos por Sigmund Freud, conjuntamente com as conceituações de Arthur Schopenhauer e amparados pelo ensaio de Walter Benjamin.

METODOLOGIA:

Os livros *Ensaio reunidos: escritos sobre Goethe* (2018), *Parerga and Paralipomena: short philosophical essays Volume II* (2000) e *Psicologia das massas e análise do eu* (2020) foram mobilizados como bibliografia principal para embasar o objeto de análise desta pesquisa, *As afinidades eletivas* (2021). A título de correlacionar os conceitos centrais dessas obras, foram escritos resumos com base na leitura individual e no fichamento de cada obra e, de modo a fundamentar mais profundamente a análise, utilizou-se da bibliografia secundária para consulta, aprofundamento, expansão e interligação dos conceitos. A partir dos rascunhos de

cada obra, foi composta uma dissertação geral que interligava as informações conceituais angariadas de cada fichamento de forma que a hipótese desta pesquisa fosse fundamentada, isto é, a dissertação geral visou relacionar o conceito do dilema do porco-espinho de Arthur Schopenhauer, posteriormente reinterpretado por Sigmund Freud em sua teoria da psicanálise, com o contexto no qual se inserem as quatro personagens de *As afinidades eletivas*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

O definir do laço matrimonial frente aoormaço de uma vida plácida é o tema central de *As afinidades eletivas*. A ociosidade é, na obra, potência motriz que impele as duas das quatro personagens principais – o casal Charlotte e Eduard, um barão rico – a buscarem relações fora de seu casamento. Em verdade, por se conhecerem quando eram crianças, o estado de convivência do casal se apoia sobretudo no aspecto reconfortante da familiaridade, preterindo o amor e a ternura que, a saber, são pilares que alicerçam um matrimônio profícuo e intenso.

O tédio, bem como a necessidade, estimula o casal a aceitar os hóspedes Otilie, sobrinha de Charlotte, e capitão Otto, amigo de Eduard em sua bucólica propriedade. Nesse sentido, a parábola do dilema do porco-espinho, concebida por Arthur Schopenhauer em seu *Parerga and paralipomena* (volume 2), foi mobilizada para analisar o comportamento das quatro personagens principais da obra frente às traições mútuas. Similarmente à parábola, Charlotte e Eduard se afastam “até encontrarem uma distância média em que pudessem suportar a situação da melhor maneira possível” (FREUD, 2020, p. 92), dessa forma, o modo com o qual o casal se depara para poder continuar mantendo o casamento é a traição: a distância média. Portanto, as traições no romance são certa tentativa de conquistar o local de conciliação das duas partes; a mediatrix entre o frio da distância e o espetar perfurante dos espinhos nunca é precisamente descoberta, por isso, o que se segue dessa frustração da busca é a constante oscilação que segue ambas as direções (proximidade e distanciamento) e é o que, em última instância, propicia a traição.

Explorando ainda as causas da traição no romance, além do afastamento gerado pelo dilema do porco-espinho, Walter Benjamin, no livro *Ensaio reunidos: escritos sobre Goethe* argumenta que:

A moralidade do casamento, em seu fundamento mais profundo e secreto, era para ele [Goethe] o menos patente. Em oposição a essa moralidade, o que deseja mostrar na forma de vida do conde e da baronesa não é tanto a imoralidade como a sua nulidade. [...] Em nenhum lugar do romance as instâncias éticas do casamento poderiam ser encontradas. Desde o início elas estão em processo de desaparecimento. (BENJAMIN, 2018, p. 21)

Tal “processo de desaparecimento” das amarras do casamento revela a predisposição para a infidelidade compartilhada pelos personagens e ela será a razão que corrobora com a ruptura do bem-estar e da sanidade das personagens – em especial, de Eduard. Além disso, a sensação de “nulidade” do matrimônio, como Benjamin observa, dialoga diretamente com a necessidade de distanciamento postulada pelo dilema do porco-espinho, isto é, a insignificância dos deveres matrimoniais permite o afastamento de Charlotte e Eduard os quais, no entanto, buscam aproximação, como prediz o dilema, por meio de seus amantes.

Visto isso, no contexto de *As afinidades eletivas*, ao operar sob a lei do dilema do porco-espinho, as personagens interagem e agem de maneira a satisfazer o próprio narcisismo, buscando, como objeto, a associação erótica e sexual (FREUD, 2020, p. 16) independente de suas consequências. Para ilustrar tal associação, bem como a volubilidade das necessidades do eu, capitão Otto, em uma conversa acerca das relações amorosas com Charlotte e Eduard, sugere o seguinte:

Em todas as criaturas com quem nos deparamos, percebemos em primeiro lugar que elas guardam uma relação consigo mesmas. Soa estranho, naturalmente, exprimir algo que é autoevidente; porém, só podemos progredir com as outras pessoas na busca do desconhecido depois de termos compreendido de maneira cabal aquilo que sozinhos já conhecemos. (GOETHE, 2021, p. 54)

O ato de guardar uma relação consigo mesmo consiste, dessa forma, em uma barreira natural para a aproximação do eu com outro; é, também, motivo de afinidade entre duas pessoas, como observa o capitão, pois há a possibilidade de trilhar um caminho ainda não descoberto – e *a priori* solitário – acompanhado. O matrimônio, à vista disso, permite essa caminhada conjunta, no entanto, ela é facilmente desnorteada pelo afastamento dos eus. Contudo, o casamento de Eduard e Charlotte é, como argumenta C.K. Sherman em seu *Analysis of Goethe's Elective Affinities* (p. 313), uma mera união de gostos em comum e de uma simples amizade e não propriamente uma relação conjugal que se apoia na paixão e no amor, isto é, o matrimônio do de Eduard e Charlotte é puramente fundamentado na familiaridade conveniente que sustenta a relação.

Da familiaridade do casamento em oposição à novidade que é oriunda da relação dos amantes, pode-se observar que a noção de culpa surge precisamente da constante omissão e afastamento das personagens diante das traições simultâneas. Entretanto, Walter Benjamin propõe (2018, p. 32) que não se trata de uma culpa exatamente moral, mas de uma culpa natural que recai sobre os homens em razão de suas “omissões e celebrações” (nomeadamente no caso de Eduard, a traição que tenta esconder de Charlotte e a felicidade pungente de estar com Otilie). Tendo em vista a culpa como um sentimento que sorratamente irrompe no homem, o dilema do porco-espinho passa a instrumentalizar a culpa como ferramenta protetora do eu, mantendo-o seguro e distante das aflições. Contudo, a culpa também faz notável esse jogo entre aproximação e distanciamento como visto no caso de Eduard que, ao se aproximar demais dos espinhos de Otilie na busca pela ardência do amor, passa a repeli-la como forma inconsciente de expiação.

CONCLUSÕES:

Por serem familiares demais, há uma tendência por parte de Eduard e Charlotte de afastarem-se, o que propicia a busca a outras pessoas fora do casamento. Mesmo tendo em vista a melhor das intenções, as duas personagens acabam por se machucar mutuamente pela infidelidade que, lentamente, corrói o seu matrimônio. Ao passo que o casamento é subjugado a esse processo de corrosão, Eduard e Charlotte encontram paixão e afinidade com Otilie e com capitão Otto, respectivamente; nos amantes, o casal encontra a chama perdida da alegria e fogem da monotonia de suas vidas idílicas. A promessa de aventura, e também de amor, é o que move as quatro personagens a se interligarem umas com as outras. De certa forma, as personagens querem aproximar-se da distância média que propõe o dilema do porco-espinho de Schopenhauer. A aproximação das quatro personagens alegoriza o dilema e adiciona mais um elemento à equação: a infidelidade.

No romance, a infidelidade opera como organizadora das paixões e das afinidades entre as quatro personagens, afinal ela é a gênese do amor com os amantes e também o despertar da ruptura do eu que, diante da pressão de um terceiro elemento em sua conexão matrimonial, desmorona todo um preceito estabelecido pela familiaridade: o eu reconhece que o outro tem poderes e vontades incontrolláveis além do seu domínio. Complementando a noção pré-estabelecida de familiaridade, Sigmund Freud propõe que (2020, p. 93) “quase toda relação emocional íntima de longa duração entre duas pessoas contém um sedimento de sentimentos de rejeição e hostilidade”, no caso de *As afinidades eletivas*, tais sentimentos revelam-se presentes de uma vez só, quase impetuosamente, por

intermédio da infidelidade. Por isso, a noção de culpa no contexto do romance é tida como “natural” por Benjamin, isto é, ela consiste meramente em uma consequência natural de uma relação entre mais de duas pessoas que sentem uma pungente letargia e são repentinamente confrontadas com a possibilidade do novo, do desconhecido.

Por fim, o dilema do porco-espinho pode ser observado no romance quase como a lei das afinidades eletivas, que impele os elementos de um lado para o outro, fazendo com que eles se associem aos extremos, nunca achando o ponto médio entre os dois fins: o calor perfurante dos espinhos ou o frio solitário da distância. Nessa conjectura de oscilação, a infidelidade torna ainda mais nebulosa a posição do indivíduo diante esses dois extremos, pois ela estilhaça – por meio do rompimento da barreira natural do distanciamento – a estrutura primordial do indivíduo, o eu; isto é, a infidelidade é o ponto mais próximo que condensa todas as afetividades e hostilidades, isto é, que o eu pode chegar de conhecer verdadeiramente o outro: sentir os espinhos sem ser dilacerado.

BIBLIOGRAFIA:

BENJAMIN, Walter. Ensaio reunidos: escritos sobre Goethe. Tradução: Mônica Krausz Bornebusch, Irene Aron e Sidney Camargo. 2ª Edição. São Paulo: Editora 34 e Livraria Duas Cidades, 2018.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na cultura. 1ª Edição. Tradução: Renato Zwick. Revisão da tradução: M. Seligmann-Silva. Porto Alegre: L&PM, 2010.

_____. Psicologia das massas e análise do eu. Tradução: Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2020.

_____. Além do princípio de prazer. Porto Alegre: L&PM, 2021.

GOETHE, Johann Wolfgang von. As afinidades eletivas. Tradução: Tercio Redondo. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2021.

HELLER, Otto. Goethe and the Philosophy of Schopenhauer. *The Journal of Germanic Philology* 1, no. 3 (1897). Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/27699015>.

LEACOCK, N. K. Character, Silence, and the Novel: Walter Benjamin on Goethe's 'Elective Affinities'. *Narrative* 10, no. 3 (2002). Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/20107294>.

LUEPNITZ, D. A. Review of Schopenhauer's Porcupines: Intimacy and Its Dilemmas. *Journal of Religion and Health*, 41 (2002). Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/27511644>

MAURER, K.W. Goethe's Elective Affinities. *The Modern Language Review* 42, no. 3. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/3717300>.

SCHOPENHAUER, Arthur. Parerga and paralipomena: short philosophical essays, Volume II. Tradução: E.F.J. Payne. New York: Oxford University Press, 2000.

_____. Sobre o sofrimento do mundo e outros ensaios. Tradução: Gabriel Valladão Silva. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2020.

SHERMAN, C. K. Analysis of Goethe's Elective Affinities. *The Journal of Speculative Philosophy* 19, no. 3 (1885). Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/25668073>.